Dia 10 — Santa Margarida, Rainha da Escócia

Santa Margarida, verdadeiro modelo de uma princesa cristã, foi neta de Edmundo II, rei da Inglaterra, por sobrenome Cota de Malha, o qual morreu no ano de 1017, depois de ter-se visto obrigado a partilhar seu reino com Canuto, o Grande, rei da Dinamarca. Morto Edmundo, não se contentou Canuto com a parte e, aspirando ao todo, lançou do reino os filhos, o irmão e os sobrinhos do defunto, obrigando-os a refugiar-se na Alemanha, onde os recebeu Santo Estêvão, rei da Hungria, declarando-se tutor e pai dos filhos: o mais velho, chamado Edmundo como seu pai, casou com a filha do rei; e o segundo, por nome Eduardo, casou com Ágata, sobrinha do mesmo Santo Estêvão, e deste matrimônio nasceu Santa Margarida no ano de 1048.

Saiu ao mundo com as mais belas disposições para a virtude. Destinada pela divina Providência para verdadeiro modelo de uma senhora cristã, preveniu-a o Senhor desde o berço com as mais doces bênçãos; dotou-a de um coração reto, generoso e compassivo; de um entendimento vivo, sólido, pronto e perspicaz; de um gênio muito aprazível e de uma natural propensão à virtude, presságios todos de sua futura eminente santidade. Foi reputada pela mais formosa princesa de seu século, e sua singular modéstia dava novo lustre e maior realce a sua formosura. Inimiga da ociosidade, sempre se a via santamente ocupada, repartindo todo o tempo entre o trabalho e a oração.

Sobre todas as demais virtudes sobressaía sua terna devoção à santíssima Virgem, cujo só nome lhe fazia muitas vezes derramar doces lágrimas de ternura; por seu gosto passaria dias inteiros de joelhos diante do Santíssimo Sacramento; a oração, a leitura de livros piedosos e outros mil exercícios de devoção foram todos os entretenimentos de sua infância na corte de um rei santo. Nem as galas, nem a vaidade tão natural nas de seu sexo e de seus anos foram jamais de seu gosto; todo o seu adorno era a virtude, e costumava dizer aos que julgavam excessiva a modéstia de seu traje que o mérito de uma donzela cristã não consistia no vestido. O terno e compassivo amor que mostrou já desde então aos pobres deu bem a entender que algum dia seria sua mãe e todo o seu consolo.

Perdeu seu pai sendo ainda menina e pensava retirar-se a um convento quando subiu ao trono da Inglaterra Eduardo III, irmão de seu avô, depois de morto Canuto, e logo fez vir da Hungria seu sobrinho Edgar com suas duas irmãs, Margarida e Cristina.

Mal se deixou ver na corte da Inglaterra, foram a admiração de toda ela seu raro mérito e sua eminente santidade, não se falando de outra coisa senão das grandes prendas e extraordinária virtude da princesa Margarida. Viu-a Malcolm III, rei da Escócia, e, prendado dela, pediu-a por mulher. Rendeu-se à vontade de seus parentes; mas o resplendor da coroa não alterou sua

devoção, nem o trono serviu mais do que para que sua virtude brilhasse de mais alto. Olhou o novo estado como caminho em que Deus a havia posto para que se fizesse mais santa; compreendeu todas as suas obrigações; desempenhou-as, e seu primeiro cuidado foi estudar bem o gênio e a inclinação de seu marido, ganhar-lhe o coração pelo rendimento e pela doçura, dando-lhe gosto em tudo.

Dispôs Deus que encontrasse na pessoa de Malcolm um esposo cujas inclinações e costumes, embora ainda pouco cultivados, tivessem, contudo, bastante parentesco com as suas; não achou nele gênio extravagante, nem aversão à virtude, nem oposição a tudo o que de bom se quisesse fazer. Estas boas disposições foi cultivando-as a rainha com sua condescendência e com seus suavíssimos modos, de maneira que Deus, em cujas mãos estão os corações dos reis, a fez tão dona do de Malcolm que, por influxo da santa rainha, floresceu em seus estados a justiça, resplandeceu a religião e, fazendo ditosos os vassalos, fez o rei seu marido um dos príncipes mais virtuosos de seu século.

Dedicou-se desde logo ao governo de sua casa e jamais quis pôr a cargo de outros a educação de seus filhos nem o cuidado de sua família. As únicas prendas que apreciava e pedia em suas damas eram o pudor, a modéstia e a virtude. Não era possível ver-se corte mais exemplar; qualquer que parecesse pouco cristão incorria na desgraça da rainha; o único modo de fazer-lhe a corte era ser verdadeiramente virtuoso.

Admirado o rei dos talentos, dos modos e do superior mérito da piedosa princesa, não menos que da compreensão e prudência que mostrava em toda a sua conduta, não se contentou com deixar-lhe inteiramente livre todo o governo doméstico da casa real; quis que tivesse também parte na administração do estado, tomando seu conselho principalmente em todos aqueles negócios que concerniam ao governo econômico do reino, à quietude e felicidade dos povos, ao maior bem e glória da religião.

Conheceram-se logo na Escócia os efeitos da superior prudência e elevada santidade da princesa que governava. Haviam-se introduzido no reino monstruosos abusos que desfiguravam a religião e faziam chorar a toda a Igreja. Confundido o sacerdote com o leigo, julgava-se já sem direito para corrigi-los; mal se observava a quaresma; o uso da confissão e da comunhão estava quase abolido; os domingos mal se guardavam; o vício tinha tudo inundado; a licença dos costumes havia desterrado a vergonha e parecia ter rompido a impiedade todos os diques. Mal se viu no trono a virtuosa rainha, resolveu fazer tudo o possível para que reinasse Jesus Cristo, restituindo em todas as partes a disciplina da Igreja a sua primitiva pureza, chamando de diferentes reinos santos e zelosos pregadores, encarregando muito aos bispos que provessem as paróquias de sábios e virtuosos pastores.

Logrou felicíssimos efeitos o ardente zelo de Santa Margarida, sustentado de seus grandes exemplos; e em muito pouco tempo mudou de semblante todo o reino da Escócia. A desordem dos costumes sempre debilita a fé e, amortecida esta, segue-se naturalmente o desgosto e até certa espécie de horror à santa comunhão. Com a aparência de respeito muitos se retiram dela, especialmente nas cortes, e queira Deus que alguns não a deixem ainda quando os obriga o preceito pascal. Em certa ocasião queixou-se disto a rainha a alguns senhores principais;

responderam-lhe ingenuamente que sua mesma indignidade os retirava da sagrada mesa, porque, conhecendo suas misérias e sua inclinação ao mal, lhes parecia menos mau deixar de comungar que fazê-lo indignamente; e que seu afastamento era efeito de seu reverente temor. A santa rainha, assim por si mesma como por meio dos pregadores, fez-lhes entender que só estavam excluídos da sagrada comunhão os pecadores impenitentes; isto é, aqueles que, obstinados em suas culpas, não queriam sair delas fazendo frutos dignos de penitência, com esmolas e com outras boas obras.

Era digno de um apóstolo o fruto que fez a santa rainha. Refloresceu a religião, ressuscitou a piedade, reviveu o uso dos sacramentos, desterraram-se as superstições, reformaram-se os abusos e voltou a Igreja a seu primeiro lustre e formosura. Não só se valeu de sua autoridade, mas também dos bispos do reino e dos ministros de justiça para proibir toda obra servil nos domingos e dias de festa, santificando-se esta suspensão do trabalho com a concorrência do povo aos divinos ofícios e a ouvir a palavra de Deus. Com sua aplicação, com sua tenacidade e com sua prudência conseguiu que se condenasse e proscrevesse a simonia, a blasfêmia, a usura, o concubinato, os matrimônios incestuosos e outras mil desordens que presumiam de legítimos em todo o reino pelo direito de prescrição.

Assombrado o rei cada dia mais e mais dos prodígios que obrava a prudência e a virtude da rainha, entrou voluntariamente em todos os seus pensamentos; e, não contente com deixar-lhe, por assim dizer, o governo do estado, quis que se manejasse a seu arbítrio a fazenda real.

Logo experimentaram os pobres e as igrejas os efeitos de seu grande coração e de sua liberalidade verdadeiramente real. Mostrava-se a indevoção dos povos e dos eclesiásticos até na indecência dos ornamentos e dos vasos sagrados. A tudo proveu a santa e religiosa rainha; fez reparar muitas igrejas que ameaçavam ruína, edificar outras de nova planta e que tudo o que servia ao culto divino fosse não só rico, mas magnífico, e de matéria preciosa todos os vasos sagrados. Fundou liberalmente muitos conventos de monjas e muitos hospitais; e costumava dizer que seu maior gosto seria esgotar em esmolas todo o tesouro real.

Era-lhe tão natural a ternura e a compaixão dos pobres que parecia ter nascido com ela. Suas profusões com eles eram tão grandes e tão contínuas que quase chegou a desterrar a mendicidade e a miséria. Como mãe dos pobres, sempre que saía à rua a viam rodeada de viúvas, de órfãos e de miseráveis; quando voltava ao palácio encontrava outros tantos na sala, aos quais dava também esmola, e nunca despediu a nenhum sem ela. Os mais respeitados na corte eram os pobres, e consumia-se em esmolas a maior parte do erário. Depois de esgotado seu bolsinho, dava-lhes as joias e os móveis, sem esgotar-se jamais sua caridade.

Antes de sentar-se à mesa dava sempre de comer a nove donzelas órfãs e a outras vinte e quatro pobres anciãs, servindo-as por suas mesmas mãos; muitas vezes faziam-se vir ao palácio trezentos pobres, aos quais o rei e a rainha serviam de joelhos os mesmos pratos que estavam preparados para a mesa real. Todos os dias, depois de ouvir missa, lavava a rainha os pés a certo número de pobres; e eram poucos os dias da semana em que não acudia aos hospitais a exercitar os mais humildes ofícios de caridade com os enfermos. Não se limitava esta aos termos do reino; alcançavam também suas esmolas os domínios estranhos, tanto para socorrer os encarcerados

como para resgatar os cativos.

Tantas e tão diferentes ocupações exteriores não debilitavam nem menos interrompiam sua contínua união com Deus. No meio de todas elas observava-se-lhe sempre um recolhimento interior que edificava e parecia estar em contínua oração, não se podendo compreender sem dificuldade como podia dedicar tanto tempo a este exercício; é verdade que dormia muito pouco e que se negava inteiramente a toda conversação inútil.

Levantava-se todas as noites para assistir a matinas e, antes que se cantasse no coro, rezava em particular o ofício da Trindade, o da Paixão e o da Virgem, acabando todo o saltério com o ofício de defuntos; depois voltava a seu quarto, onde lavava os pés a seis pobres e lhes dava uma esmola; deitava-se um pouco e, em despertando, lia algum tempo em algum livro piedoso; passava a sua capela, onde ouvia cinco ou seis missas, e o que faltava até comer empregava-o no despacho. As demais horas do dia não estavam menos ocupadas com devoções e outras obras de misericórdia; de maneira que Deus, o estado, a Igreja e os pobres lhe levavam todo o tempo.

Suas penitências e sua abstinência algumas vezes chegaram a parecer excessivas. Comia tão pouco que se admiravam de que pudesse viver; e macerava-se tanto que se teve por certo que as penitências lhe encurtaram a vida. Era seu confessor ordinário o servo de Deus Teodorico, escritor de sua mesma vida, e seu diretor o famoso Turgot. Sentindo alguns prenúncios de sua próxima morte, confessou-se geralmente com ele; e, conforme se ia aproximando de seu fim, ia também sensivelmente crescendo seu fervor.

Debilitaram-se suas forças com a aplicação ao trabalho e com o rigor de tantas penitências; rendeu-se à cama; mas nem por isso foram menos ativos seu amor de Deus, seu zelo e sua caridade com os pobres. Neste tempo quis o Senhor acabar de purificá-la com uma aflição muito sensível. Achava-se então em guerra o rei Malcolm com Guilherme, o Ruivo, rei da Inglaterra, e havia entrado com poderosas forças na província de Northumberland para voltar à sua obediência os condados de Cumberland e Westmorland, que Guilherme, o Conquistador, lhe havia usurpado; mas foi desgraçadamente morto com seu filho primogênito, o príncipe Eduardo, no ano de 1093, na passagem do rio Alne. Sentiu profundamente a rainha este acidente, para o qual não achou outro consolo que sua religião e sua virtude; mas sobreviveu pouco a esta notícia, porque se levantou logo uma febre que, acrescentada aos demais achaques, a pôs no último transe. Confessou-se, recebeu o viático e a extrema-unção com uma devoção muito correspondente à santidade de sua vida; e, havendo exortado seus filhos ao amor da virtude e toda a sua família à piedade e devoção cristã, morreu com a morte dos santos no dia 10 de junho de 1093. Não houve rainha mais sentidamente chorada; encheu de luto sua morte todo o reino, e em todos os povos ressoavam os gemidos dos pobres que lamentavam a perda de sua mãe. Enterrou-se o santo corpo com a solenidade que acompanha sempre os funerais dos santos na igreja da Santíssima Trindade, que havia edificado a santa rainha, e no mesmo sítio que ocupava a capela onde se havia casado. Foram tantos os milagres que obrou logo o Senhor para manifestar sua santidade que o papa Inocêncio IV a canonizou solenemente e a pôs no catálogo dos santos no ano de 1251. A solicitação de Filipe II, rei da Espanha, conduziu-se ao Escorial uma parte de suas relíquias e das do rei Malcolm, seu marido, a quem também se tem venerado sempre como santo, onde se colocaram numa capela que mandou edificar em honra de Santa Margarida. Sua preciosa cabeça guarda-se

com a maior veneração na igreja do seminário escocês dos jesuítas de Douai.

Martirológio Romano

Em Roma, na via Salária, o martírio de São Gétulo, homem ilustre e douto, e o de seus companheiros Cereal, Amâncio e Primitivo. Tendo sido apresados pelo cônsul Licínio segundo a ordem do imperador Adriano, foram primeiro açoitados, depois encarcerados, por último lançados ao fogo; mas, não tendo recebido a menor lesão, moeram-lhes a pauladas as cabeças, consumando assim o martírio. Sinforosa, mulher de São Gétulo, levantou os corpos e deu-lhes honrosa sepultura num areal de sua quinta.

Também em Roma, na via Aurélia, a festa dos santos Basílides, Trípode, Mandal e outros vinte mártires sob o imperador Aureliano e Platão, prefeito da cidade.

Em Nicomédia, São Zacarias, mártir.

Em Prusa, na Bitínia, São Timóteo, bispo e mártir sob Juliano, o Apóstata.

Na Espanha, os santos mártires Crispulo e Restituto.

Na África, os santos mártires Areso, Rogato e outros quinze.

Em Colônia, São Maurino, abade e mártir.

Em Petra, na Arábia, Santo Astério, bispo, o qual, havendo sofrido muito dos arianos pela fé católica, foi morrer na África, para onde o desterrou o imperador Constâncio.

Em Auxerre, São Censúrio, bispo.

Na Escócia, Santa Margarida, rainha, célebre por sua caridade com os pobres.

Em Chartres, Santo Aignan, bispo.

Em Celles, no Berry, São Severino, monge, que recebeu Santo Isis em seu pequeno convento de Perci.

Em Paris, São Landri, bispo da dita cidade, o qual dizem haver fundado o santo hospital chamado Hôtel-Dieu.

No Oriente, São Apolo, bispo.

Perto de Boseth, na Numídia, os santos mártires Mamário e muitos outros.

Na Capadócia, São Canides, confessor, célebre por sua abstinência no tempo de Teodósio.

Em Palermo, Santa Oliva, venerada na cidade como virgem e mártir.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui beatam Margaritam, Scotorum reginam, eximia in pauperes charitate mirabilem effecisti: da, ut ejus intercessione et exemplo, tua in cordibus nostris charitas jugiter augeatur. Per Dominum nostrum...*

Português: Ó Deus, que fizestes tão admirável a bem-aventurada Margarida, rainha da Escócia, pela insigne caridade que exerceu com os pobres, concedei-nos que por sua imitação e a seu exemplo se aumente perpetuamente em nossos corações o amor a vossa divina Majestade. Por nosso Senhor...

Epístola

A epístola é do capítulo 31 dos Provérbios.

Provérbios 31,10-31

> **Latim:** [10] Mulierem fortem quis inveniet ? procul et de ultimis finibus pretium ejus. [11] Confidit in ea cor viri sui, et spoliis non indigebit. [12] Reddet ei bonum, et non malum, omnibus diebus vitæ suæ. [13] Quæsivit lanam et linum, et operata est consilia manuum suarum. [14] Facta est quasi navis institoris, de longe portans panem suum. [15] Et de nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis, et cibaria ancillis suis. [16] Consideravit agrum, et emit eum ; de fructu manuum suarum plantavit vineam. [17] Accinxit fortitudine lumbos suos, et roboravit brachium suum. [18] Gustavit, et vidit quia bona est negotiatio ejus ; non extinguetur in nocte lucerna ejus. [19] Manum suam misit ad fortia, et digiti ejus apprehenderunt fusum. [20] Manum suam aperuit inopi, et palmas suas extendit ad pauperem. [21] Non timebit domui suæ a frigoribus nivis ; omnes enim domestici ejus vestiti sunt duplicibus. [22] Stragulatam vestem fecit sibi ; byssus et purpura indumentum ejus. [23] Nobilis in portis vir ejus, quando sederit cum senatoribus terræ. [24] Sindonem fecit, et vendidit, et cingulum tradidit Chananæo. [25] Fortitudo et decor indumentum ejus, et ridebit in die novissimo. [26] Os suum aperuit sapientiæ, et lex clementiæ in lingua ejus. [27] Consideravit

> semitas domus suæ, et panem otiosa non comedit. [28] Surrexerunt filii ejus, et beatissimam prædicaverunt ; vir ejus, et laudavit eam. [29] Multæ filiæ congregaverunt divitias ; tu supergressa es universas. [30] Fallax gratia, et vana est pulchritudo : mulier timens Dominum, ipsa laudabitur. [31] Date ei de fructu manuum suarum, et laudent eam in portis opera ejus.

Português: [10] Quem achará huma mulher forte? seu preço excede a tudo o que vem de remontadas distancias, e dos ultimos confins da terra. [11] O coração de seu marido põe nella a sua confiança, e elle não necessitará de despojos. [12] Ella lhe tornará o bem, e não o mal, em todos os dias da sua vida. [13] Buscou lã e linho, e o trabalhou com a industria de suas mãos. [14] Fez-se como a náo do negociante, que traz de longe o seu pão. [15] E se levantou de noite, e repartio a preza aos seus domésticos, e o sustento ás suas escravas. [16] Considerou hum campo, e comprou-o: plantou huma vinha do fruto das suas mãos. [17] Cingio os seus rins de fortaleza, e corroborou o seu braço. [18] Tomou-lhe o gosto, e vio que a sua negociação he boa; a sua candeia não se apagará de noite. [19] Ella metteo a sua mão a cousas fortes, e os seus dedos pegárão no fuso. [20] Abrio a sua mão para o necessitado, e estendeo os seus braços para o pobre. [21] Não temerá que venhão sobre a sua familia os rigores da neve; porque todos os seus domésticos trazem vestidos forrados. [22] Ella fez para si móveis de tapeçaria: ella se vestio de finíssimo linho, e de purpura. [23] Seu marido será illustre na assemblea dos juizes, quando estiver assentado com os senadores da terra. [24] Ella fez delicados lenços, e vendeo-os, e entregou hum cinto ao Cananeo. [25] A fortaleza e a fermosura he o de que ella se reveste, e ella rirá no ultimo dia. [26] Ella abrio a sua boca á sabedoria, e a lei da clemência está na sua lingua. [27] Considerou as veredas da sua casa, e não comeo o pão ociosa. [28] Levantárão-se seus filhos, e acclamárão-na ditosíssima: levantouse seu marido, e louvou-a. [29] Muitas filhas ajuntárão riquezas: tu excedeste a todas. [30] A graça he enganadora, e a fermosura he vã: a mulher que teme ao Senhor essa he a que será louvada. [31] Dai-lhe do fruto das suas mãos: e as suas obras a louvem na assembléa dos juizes.

Reflexões

O mérito e o valor de uma senhora cristã não se hão de apreciar por sua formosura nem por seu entendimento, mas por sua virtude: *Fallax gratia, et vana est pulchritudo.* Toda essa agudeza, toda essa vivacidade é fogo-fátuo, brilhantismo aparente; todo esse desembaraço que fascina é ilusão que engana, relâmpago que se desvanece. Quanto mais vivo é o engenho, tanto mais superficial e menos sólido é; sua mesma penetração o dissipa; quanto mais brilha, tanto menos dura. Nem é menos vã a formosura; mais consiste na imaginação que na realidade; é uma flor que murcha, uma exalação que o mais ligeiro sopro a apaga; rara há que não seja postiça, nenhuma que possa fundar um mérito verdadeiro; no máximo é uma proporção de membros e de feições que agrada aos olhos e aos sentidos. Somente a virtude pode e deve servir de assunto ao elogio de uma mulher respeitável por suas prendas; qualquer outro louvor é uma insulsa lisonja. Vejamos já a alta ideia que nos dá disto o Espírito Santo no magnífico elogio que faz de uma mulher.

O temor de Deus, diz, que é o princípio da verdadeira sabedoria, é como o fundamento de todas as suas boas prendas. Teme a Deus e o ama: uma de suas principais ocupações é o cuidado de viver muito de acordo com seu marido e de conservar a paz e a união na família; sobretudo, seu maior estudo é a vigilância sobre os costumes dos de sua casa e a aplicação a que reine em tudo o concerto e a boa ordem. Humilde sem afetação, modesta sem artifício, ataviada segundo sua condição, mas sem profanidade, inspira em todos a veneração à virtude; faz-se admirar por sua circunspecção e por sua prudência em todas as palavras; sem sair dos limites de seu estado chega a uma eminente santidade. «Fez coisas verdadeiramente grandes», diz o Espírito Santo. *Manum suam misit ad fortia.* Mas que maravilhas foram estas? Lançou mão do fuso e da roca: *Digiti ejus apprehenderunt fusum.* Admirável lição para aquelas senhoras do mundo que se teriam por mulheres vulgares se lançassem mão deste trabalho: *De nocte surrexit, deditque prædam domesticis suis:* madrugava antes do dia para cumprir mais exatamente com suas obrigações; não era a menor de suas prendas a pontualidade com que pagava o salário a seus criados e a caridade com que socorria todas as suas necessidades; a que usava com os necessitados ganhou-lhe o coração dos pobres; o tempo que não gastava nas obrigações do estado, em obras de misericórdia e na oração, ocupava-o no trabalho. A isto se reduz a pintura da mulher perfeita e verdadeiramente virtuosa, cujo elogio faz o Espírito Santo; acrescentando que uma mulher como esta é mais rara e mais preciosa que as pérolas que vêm dos últimos ângulos do mundo. Serão muitas as mulheres que se reconheçam a si mesmas neste belo retrato? Não se distinguiu tanto esta mulher por ações de muito ruído, nem por seguir caminhos extraordinários, mas pela fidelidade e pela exatidão com que atendeu às obrigações mais comuns de seu estado. Que escusa terão todas as senhoras que forem menos cristãs? É certo que não é do gosto de todas aquela devoção que nasce e se fomenta no cumprimento das obrigações mais ordinárias; o retiro, o ar da casa, a contínua vista da família e dos filhos não acomodam muito a não poucas mulheres casadas. No meio disso, esta é a verdadeira, a sólida devoção. Na verdade, não é ela devoção muito da moda; mas deixará por isso de ser muito do agrado de Deus?

Evangelho

O evangelho é do capítulo 13 de São Mateus.

Mateus 13,44-52

> **Latim:** 44 Simile est regnum cælorum thesauro abscondito in agro : quem qui invenit homo, abscondit, et præ gaudio illius vadit, et vendit universa quæ habet, et emit agrum illum. 45 Iterum simile est regnum cælorum homini negotiatori, quærenti bonas margaritas. 46 Inventa autem una pretiosa margarita, abiit, et vendidit omnia quæ habuit, et emit eam. 47 Iterum simile est regnum cælorum sagenæ missæ in mare, et ex omni genere piscium congreganti. 48 Quam, cum impleta esset, educentes, et secus littus sedentes, elegerunt bonis in vasa, malos autem foras miserunt. 49 Sic erit in

> consummatione sæculi : exibunt angeli, et separabunt malos de medio justorum, [50] et mittent eos in caminum ignis : ibi erit fletus, et stridor dentium. [51] Intellexistis hæc omnia ? Dicunt ei : Etiam. [52] Ait illis : Ideo omnis scriba doctus in regno cælorum, similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera.

Português: [44] O reino dos ceos he semelhante a hum thesouro escondido no campo: que quando hum homem o acha, o esconde, e pelo gosto que sente de o achar, vai, e vende tudo o que tem, e compra aquelle campo. [45] Assim mesmo he semelhante o reino dos ceos a hum homem negociante, que busca boas perolas. [46] E tendo achado huma de grande preço, vai vender tudo o que tem, e a compra. [47] Finalmente o reino dos ceos he semelhante a huma rede lançada no mar, que toda a casta de peixes colhe: [48] e depois de estar cheia, a tirão os homens para fóra, e sentados na praia escolhem os bons para os vasos, e deitão fóra os máos. [49] Assim será no fim do mundo: sahirão os anjos, e separarão os máos de entre os justos, [50] e lancallos-hão na fornalha de fogo: allí será o choro, e o ranger com os dentes. [51] Tendes vós compreendido bem tudo isto? Responderão elles: Sim. [52] Elle lhes disse: Por isso todo o escriba instruido no reino dos ceos, he semelhante a hum pai de familia, que tira do seu thesouro cousas novas e velhas.

Meditação

Só é sábio o que trabalha sem cessar no importante negócio de sua salvação

Primeiro ponto

Considera que ser sábio é tomar com acerto os meios necessários e eficazes para chegar a seu fim: ignorar qual seja o último fim é estupidez, é brutalidade; saber qual é e não aplicar os meios indispensáveis para consegui-lo é impiedade, é loucura; enganar-se na eleição é perder-se. E será sábio, será prudente o que se perde no importante negócio de sua salvação?

Por mais que tenha um homem todo o entendimento possível; por mais penetração, vivacidade e brilhantismo que tenha; por mais hábil que seja em todas as artes; por mais que possua todas as ciências; por mais honrado, oficioso, atento e cultivado que seja: se a este homem lhe falta conduta; se por culpa sua perde bens, honra, fortuna; se se perde a si mesmo para sempre, esse grande engenho, esse grande homem é um grande tolo. A verdadeira sabedoria e a verdadeira prudência consiste em saber discernir bem os objetos mais enganosos; em saber distinguir as preocupações mais comuns e mais belamente disfarçadas; em saber pisar as falsas aparências brilhantes que deslumbram; consiste em descobrir os enredos e os artifícios do inimigo de nossa salvação; em não cair desatinadamente em seus laços; em não equivocar-se nem alucinar-se. Deixar-se enganar da mais ligeira sombra, da mais leve aparência de bem; equivocar uma exalação instantânea com um astro fixo e luminoso; abandonar um bem real por correr atrás de

outro imaginário e fantástico: não é demência e lastimosa imbecilidade de entendimento? E que outra coisa se faz no mundo quando não se trabalha no importante negócio da salvação? O homem virtuoso não se engana, não se alucina; entre essas brilhantes exterioridades descobre a vaidade de todos os bens criados; no meio desse enganoso esplendor está vendo o nada dessas honras que tanto deslumbram os homens do mundo; conhece a caduca inconstância desses postos elevados que a tantos transtornam a cabeça; compreende a brevidade destes curtos dias alvorotados e pouco serenos que compõem a mais dilatada vida; e, convencido de que só em Deus se encontra nossa felicidade, de que o homem foi criado para só Deus, de que nem o próprio Deus o pôde criar para outro fim mais alto que para si nem outro algum o poderia encher nem satisfazer, a este só dirige toda a sua ambição, não se propõe outro fim, nem aspira a outra fortuna que à de agradar a Deus, de quem só espera sua eterna felicidade, e só ele é seu último fim. Que te parece? Este homem será sábio? E merecerá o nome de tal o que se governar de outra maneira? Pois, Deus meu, que erros, que extravagâncias, que loucuras não cometi eu em toda a conduta que tive até aqui!

Segundo ponto

Considera que, não tendo neste mundo outro negócio, próprio e verdadeiramente tal, que o negócio da salvação, não nos tendo lançado a este mundo senão para trabalhar neste único negócio, e pedindo este negócio que se dedique a ele todo o tempo e todos os cuidados do mundo, o desatendê-lo, o esquecê-lo é a maior de todas as loucuras. A salvação é propriamente nosso negócio pessoal, é o único negócio nosso; todos os demais nos são estranhos. Serão, se queres, negócio do estado, do reino, do tribunal, da guerra, do comércio, de tua comunidade, de tua família, de teus filhos; mas não são negócios teus; e se ao sair deste mundo fizeste bem todos os demais, menos o de tua salvação, faze conta de que fizeste o negócio alheio e perdeste inteiramente o próprio. Ao contrário, se acertaste com o de tua salvação, ainda que todos os demais os tivesses perdido, consola-te de que fizeste teu negócio; e cada qual há de trabalhar para si. Coisa estranha é que, amando-se tanto os homens a si mesmos, tenham feito tão poucas reflexões sobre esta importante verdade! «Quarenta anos há (dizia um cortesão na hora da morte) que estou trabalhando nos negócios do rei, e não trabalhei nem um quarto de hora no meu.» Será prudência, será discrição fazer isto?

A salvação é nosso grande negócio, nosso negócio principal. Já se sabe que um negócio grande de tal maneira absorve todo o tempo que não deixa lugar para pensar em outros; como se saia bem daquele, facilmente se consola um, ainda que os demais se percam. Para sair bem num negócio grande tudo se põe em movimento; aplicam-se todas as possíveis precauções, todo o pensamento está ocupado nele; não se acerta a falar de outra coisa e sempre se fala dele com a maior viveza; aproveitam-se os instantes, espreitam-se as conjunturas, perde-se o sono e o repouso; esquecem-se até as necessidades naturais da vida; corre-se a todas as partes e está-se em contínuo movimento. Isto se chama ter juízo, ser homem prudente, ser sábio. Pois aplica toda esta conduta ao negócio de tua eterna salvação; e pergunta-te se foste sábio, se foste prudente, se até agora tiveste muito juízo.

Enfim, a salvação é o único negócio verdadeiro; os demais, a que o mundo dá o nome de negócios, são jogos de crianças; como tais se olham na hora da morte, como tais os reputarás tu mesmo naquela última hora. Será prudência ocupares-te toda a vida nessas puerilidades, nesses entretenimentos de meninos, em prejuízo do grande, do único negócio de importância, que é o de tua eterna salvação? Que lástima é ver a segurança e a serenidade com que desatinam esses imaginários sábios do mundo! Desenganemo-nos: não há homem sábio senão aquele que trabalha sem cessar e trabalha eficazmente no negócio da salvação. É a salvação aquele tesouro escondido no campo, aquela preciosa pérola de inestimável valor. Aquele é sábio que vende tudo quanto tem para comprar este campo e para fazer-se dono desta pérola. Assim o fez Santa Margarida. Teria sido prudente se se tivesse condenado com todas as suas grandes prendas? E são prudentes os mundanos que trabalham tão pouco em assegurar sua salvação? E haverá algum condenado no inferno que se persuada de que foi homem sábio?

Deus meu, pois vos dignastes dar-me a conhecer em que consiste a verdadeira sabedoria, concedei-me este precioso dom; fazei que todo o meu estudo, todo o meu cuidado, todo o meu empenho seja o de agradar-vos, o de caminhar a vós para possuir-vos eternamente.

Jaculatórias

> *Si oblitus fuero tui, Jerusalem, oblivioni detur dextera mea.* Sl 136.

Jerusalém celestial, centro da felicidade eterna, se me esquecer de ti por deixar-me levar de uma falsa alegria neste miserável desterro, que se esqueça de mim minha própria mão direita.

> *Adhæreat lingua mea faucibus meis, si non meminero tui.* Sl 136.

Se não te tiver sempre em minha memória; se não preferir a todos os gostos do mundo o consolo de pensar em ti perpetuamente; se, vendo-me distante dessa ditosa mansão, desse lugar à alegria, que minha língua se pegue a meu paladar.

Propósitos

1. Causa admiração que, sendo tantos os que se prezam de ser sábios, haja tão poucos que verdadeiramente o sejam; porque, afinal, não o é o que tudo quer perder: bens, honra, quietude e sua própria alma. Não há mais que um único negócio que manejar, que dirigir e que governar, que é o negócio da própria salvação. Será sabedoria descuidar este negócio e, por descuidá-lo, perdê-lo inteira e eternamente? No meio disso, esta é a conduta da maior parte dos homens. Oh, e com

quanta razão disse o Sábio que era infinito o número dos néscios! Não queiras ser deste número; nunca consideres a sabedoria senão enquanto tem conexão com o verdadeiro bem. Discorrer com acerto nos negócios temporais; ter aquela moderação e aquela espera que acreditam juízo, bondade e gratidão; ser hábil em tudo o que se chama negócios do mundo e não o ser no da própria salvação, nem é, nem foi jamais ser homem sábio; no máximo será ser uma criança ocupada continuamente em meras puerilidades. Forma desde hoje uma ideia justa da verdadeira sabedoria; dize a ti mesmo muitas vezes e repete-o com resolução diante de todo o mundo: todo aquele que se condena é um ignorante, é um louco. Não há maior necedade, não há maior loucura que matar-se alguém a si mesmo a sangue-frio; que lançar-se num rio voluntariamente; que despenhar-se de um precipício por seu capricho; pois que outra coisa faz o que voluntariamente se condena? Mas esta última loucura é tanto maior que a outra quanto é mais lamentável a eterna perda da alma que a temporal do corpo. Está bem convencido e bem penetrado desta importante verdade, e não cesses de inspirá-la e de imprimi-la continuamente no coração de teus filhos, de teus amigos, de teus inferiores e de teus criados. Só é sábio o que se salva.

2. Faze estudo de não louvar sólida e rigorosamente senão os que sabem fazer fortuna para a outra vida. Se se pusesse cuidado em não deixar cair outras máximas diante dos filhos, dos criados e da família, seria o mundo um pouco mais cristão e não se veria nele tanta desordem. Nunca empreendas coisa considerável sem reconhecer primeiro se te servirá de meio para conseguir tua salvação; empreender coisa que a possa estorvar é loucura. Se se lê uma história, se ouves falar dos antigos, se se referem as façanhas dos grandes homens da antiguidade, nunca deixes de dizer-te a ti mesmo e também aos outros: de que lhes serviram suas proezas e sua grande sabedoria se se condenaram?

Revision #1
Created 20 November 2026 20:49:07 by Admin
Updated 20 November 2026 20:49:07 by Admin